

# Transtornos Depressivos e seus Possíveis Fatores Causais em Profissionais Enfermeiros de um Hospital Filantrópico

## Depressive Disorders and their Possible Causal Factors in Professional Nurses of a Philanthropic Hospital

Daniella Brunelli D'Avila de Santana<sup>\*a</sup>; Letícia Parreira Neves<sup>a</sup>; Maria Clara Siufi<sup>a</sup>; Marina Franco Panovich<sup>a</sup>; Milena Nakase Takayasu<sup>a</sup>; Stela da Silva Chiquetto<sup>a</sup>; Tatiane Laís Tanahara<sup>a</sup>; Vinícius Henrique Baziquetto<sup>a</sup>

<sup>a</sup>Universidade Anhanguera-Uniderp, Curso de Medicina. MS, Brasil.

\*E-mail [dibrunelli1@uniderp.com.br](mailto:dibrunelli1@uniderp.com.br)

---

### Resumo

O presente estudo visa analisar a prevalência de depressão nos profissionais enfermeiros de um Hospital Filantrópico, em Campo Grande/MS, que nunca haviam tido diagnóstico de depressão anteriormente, correlacionando com aspectos sociodemográficos e laborais, como período de trabalho e horas de descanso semanal. Tratou-se de um estudo de caráter quantitativo, aspecto analítico, observacional e transversal, realizado com 89 enfermeiros do Hospital Associação Beneficente Santa Casa de Campo Grande, com início em maio de 2015 e término em novembro de 2016. Para a análise, foram aplicados dois questionários, sendo um de autoria própria (com perfil sociodemográfico, qualidade de vida e de trabalho e saúde mental), e outro validado, representado pelo Inventário de Depressão de Beck, o qual possibilita inferir o diagnóstico de depressão. Dos 89 profissionais enfermeiros, a prevalência de casos de depressão foi de 2 (2,2%), sendo que 9 (11,1%) se mostraram disforicos e os demais não tiveram alterações relacionadas a tal enfermidade psiquiátrica. Daqueles trabalhadores com depressão, 2 (2,2%) eram do sexo feminino, 2 (2,2%) eram solteiros e 2 (2,2%) exerciam seu trabalho no período vespertino. Houve maior prevalência de depressão nos enfermeiros do sexo feminino, solteiros, que exerciam suas atividades no turno vespertino e possuíam um ou nenhum período de lazer durante a semana.

**Palavras-chave:** Depressão. Enfermagem. Qualidade de Vida. Saúde Mental.

### Abstract

*The present study has as its main objective to analyze the depression prevalence in nurses in a Philanthropic Hospital in Campo Grande MS that have never been previously diagnosed with depression correlating with sociodemographic and labor aspects, such as work period and weekly rest hours. This was a quantitative, analytical observational and cross-sectional study with 89 nurses from Hospital Associação Beneficente Santa Casa de Campo Grande, that began on May of 2015 and ended on November of 2016. For the analysis two questionnaires were applied, one of the author's authorship (with sociodemographic profile, quality of life and work and mental health) and another validated, Beck Depression Inventory, which allows to classify depression diagnosis. From 89 nurses, the prevalence of depression cases were 2 nurses (2,2%), and 9 (11,1%) were dysphoric and the others had no relevant alterations. Of those with depression 2 (2,2%) were female, 2 (2,2%) were single and 2 (2,2%) exercised their work in the evening period. There was higher prevalence of depression in female, single nurses that exercised their work in the evening period and had one or no free time during the week.*

**Keywords:** Depression. Nursing. Quality of Life. Prevalence. Mental Health.

---

### 1 Introdução

As Síndromes Depressivas são caracterizadas por alterações de humor, apatia, irritabilidade e uma tristeza constante, fatores esses que se permanentes podem gerar mudanças cognitivas, sociais, psicomotoras e até mesmo fisiológicas. O desenvolvimento dos sintomas está associado a um evento aversivo, como, por exemplo, situações de estresse e descontentamento na realização de atividades (CARDOSO, 2011).

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde - OMS, a depressão afeta 340 milhões de pessoas no mundo. No Brasil, são cerca de 17 milhões de indivíduos com depressão, e tal problemática vem ganhando destaque devido ao seu crescimento expansivo e aos enormes prejuízos acarretados na qualidade de vida dos acometidos (COLETA, 2012).

No que se refere à depressão na enfermagem, vários

fatores contribuem para que um número cada vez maior de profissionais seja afetado por esse transtorno. As condições de trabalho, a carga horária extenuante, o salário insuficiente e a discriminação social são alguns dos fatores elencados como possíveis determinantes para o início dos quadros depressivos. Todavia, entre as inúmeras causas, o horário em que os serviços são prestados, principalmente, no período noturno, que aparece como condição determinante para a maior prevalência de casos entre os profissionais enfermeiros inseridos nessa realidade (SALEHI; JAVANBAKHT; EZZATABABDI, 2014).

O propósito deste estudo foi analisar a prevalência de depressão nos enfermeiros correlacionando com aspectos sociodemográficos, período de trabalho e horas de descanso semanal de acordo com o Inventário de Beck (BECK et al., 1979), em enfermeiros de um Hospital Filantrópico de Campo Grande/MS, que nunca haviam tido um diagnóstico médico

de depressão anteriormente.

## 2 Material e Métodos

O estudo foi de caráter quantitativo, aspecto analítico, observacional e transversal, realizado com os profissionais enfermeiros de um hospital filantrópico de Campo Grande – MS, Associação Beneficente Santa Cansa de Campo Grande, com início em maio de 2015 e término em novembro de 2016.

A população de profissionais enfermeiros assistenciais de um hospital filantrópico na cidade de Campo Grande- MS foi de 115 indivíduos. Levando em consideração uma margem de erro correspondente a 5%, a população estimada a participar foi de 89 profissionais, o que correspondeu a 77,4% do total de profissionais ativos.

Foram incluídos os profissionais enfermeiros, em qualquer faixa etária, atendidos em um hospital filantrópico de Campo Grande - MS, de ambos os sexos; com ou sem a presença de morbidades associadas (por exemplo, infecção pelo HIV, diabetes *mellitus*, hipertensão arterial, etc.), e que, após serem informados do estudo, consentiram em participar de forma voluntária, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.

Foram excluídos do estudo os profissionais enfermeiros, que já possuíam o diagnóstico prévio de depressão, aqueles que não estavam atuando em assistência, ou seja, os que atuavam na área administrativa e os que estavam afastados do serviço.

Em relação aos questionários, foram aplicados dois com os profissionais enfermeiros, um de desenvolvimento próprio, e outro validado, o Inventário de Depressão de Beck (BECK et al., 1979), sendo observada a prevalência de transtornos depressivos e seus fatores associados.

O questionário composto por vinte e duas questões

englobava aspectos sociodemográficos, sobre a qualidade de vida, sobre a qualidade do trabalho e sobre a saúde mental.

Os questionários foram aplicados com instrução prévia, em ambiente reservado, com a mínima interferência de fatores externos e respeitando todos os preceitos éticos.

Os dados da pesquisa foram armazenados em banco de dados criado no programa *Microsoft Office Excel 2010 versão 14.0*, sendo assim realizada a análise estatística descritiva com o teste do qui quadrado.

Esse estudo teve a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de número 51489515.8.0000.5161, no dia 07 de março de 2016.

## 3 Resultados e Discussão

Dos 89 enfermeiros, 68 (79,8%) eram do sexo feminino e 21 (20,2%) eram do sexo masculino. Referente ao estado civil da amostra, 49 (54,8%) eram casados, 27 (31,7%) eram solteiros, 7 (6,7%) eram amasiados e 6 (6,7%) divorciados.

A prevalência de casos de depressão foi de 2 (2,2%) dos 89 enfermeiros, sendo que 9 (11,1%) desses se mostraram disfóricos e os demais não apresentaram alterações.

Sobre os enfermeiros, dos que foram classificados com disforia, 8 (9%) eram do sexo feminino e 1 (1,1%) do sexo masculino. Referente aos enfermeiros, que foram identificados com depressão, 2 (2,2%) eram do sexo feminino. A maioria dos enfermeiros casados não demonstraram alterações. Dos que foram classificados com disforia, 4 (4,5%) eram casados e, dentre os que foram encaixados em depressão, 2 (2,2%) eram solteiros (Quadro 1).

**Quadro 1** – Prevalência de depressão de acordo com o gênero e estado civil dos enfermeiros de um hospital filantrópico de Campo Grande/MS no ano de 2016.

Sexo	Sem Alteração		Disforia		Depressão		P
	n	%	n	%	n	%	
Feminino	58	65,2	8	9,0	2	2,2	0,15
Masculino	20	22,5	1	1,1	0	0,0	
<b>Estado Civil</b>							
Amasiado	5	5,6	2	2,2	0	0,0	0,015*
Casado	45	50,6	4	4,5	0	0,0	
Divorciado	6	6,7	0	0,0	0	0,0	
Solteiro	22	24,7	3	3,4	2	2,2	
<b>Totais</b>	<b>78</b>	<b>87,6</b>	<b>9</b>	<b>10,1</b>	<b>2</b>	<b>2,2</b>	

\* Valor do P com significância ( $p \leq 0,05$ ).

Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre os que foram classificados com quadro de disforia, 3 (3,4%) trabalhavam nos períodos matutino e vespertino e 3 (3,4%) no período vespertino. Já nos

profissionais que foram enquadrados em depressão, 2 (2,2%), exerciam seu trabalho no período vespertino, dados resumidos no Quadro 2.

**Quadro 2** – Prevalência de depressão de acordo com os períodos de trabalho dos enfermeiros de um hospital filantrópico de Campo Grande/MS no ano de 2016

Períodos de Trabalho	Sem Alteração		Disforia		Depressão		P
	n	%	n	%	n	%	
Matutino	19	21,3	2	2,2	0	0,0	0,01*
Matutino/Noturno	1	1,1	1	1,1	0	0,0	
Matutino/Vespertino	13	14,6	3	3,4	0	0,0	
Noturno	31	34,8	0	0,0	0	0,0	
Vespertino	13	14,6	3	3,4	2	2,2	
Vespertino/Noturno	1	1,1	0	0,0	0	0,0	
<b>Totais</b>	<b>78</b>	<b>87,6</b>	<b>9</b>	<b>10,1</b>	<b>2</b>	<b>2,2</b>	

\* Valor do P com significância ( $p \leq 0,05$ ).

Fonte: Dados da pesquisa.

Daqueles que apresentaram disforia, em relação à frequência de lazer semanal, 5 (5,6%) possuíam duas ocasiões na semana. Entre os que se enquadraram com

depressão, 1 (1,1%) possuía um momento e 1 (1,1%) possuía nenhum momento de lazer (Quadro 3).

**Quadro 3** – Prevalência de depressão de acordo com os períodos de lazer semanal dos enfermeiros de um hospital filantrópico de Campo Grande/MS no ano de 2016.

Frequência de Lazer Semanal	Sem Alteração		Disforia		Depressão		P
	n	%	n	%	n	%	
Não	13	14,6	1	1,1	1	0,0	0,017*
Sim, 1 vez	31	34,8	3	3,4	1	1,1	
Sim, 2 vezes	21	23,6	5	5,6	0	0,0	
Sim, 3 vezes ou mais	13	14,6	0	0,0	0	1,1	
<b>Totais</b>	<b>78</b>	<b>87,6</b>	<b>9</b>	<b>10,1</b>	<b>2</b>	<b>2,2</b>	

\* Valor do P com significância ( $p \leq 0,05$ ).

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao discutir os aspectos sociodemográficos relacionados à prevalência de depressão nos profissionais enfermeiros, em um hospital filantrópico de Campo Grande/MS, constatou-se predominância do sexo feminino entre os mesmos. Historicamente, como mostra o estudo de Booth (2002), a enfermagem tem sido uma profissão composta por mulheres, na maioria dos países, o que pode sustentar os resultados obtidos neste estudo.

Correlacionando esse fato com o objetivo do presente estudo, foi demonstrado que todos os profissionais, que apresentaram depressão, eram do sexo feminino, enquanto os que se classificaram com disforia, apenas a minoria era do sexo masculino.

Dados da literatura de Weissman e Olfson (1995) apontam que a depressão é uma comorbidade que afeta, predominantemente, o sexo feminino, fato este fundamentado a partir de diversas variáveis: as biológicas, as psicossociais e as socioculturais, demonstradas através de dados mundiais, que relatam o dobro do número de mulheres com sintomatologia depressiva em relação aos homens, a partir da adolescência, independentemente, das diferenças de país ou cultura. Este dado também pode ser confirmado pela maior procura de serviços médicos pelo sexo feminino em relação ao masculino,

atribuindo um maior número de diagnósticos psiquiátricos, entre esses a depressão, nessa parcela populacional.

As hipóteses psicossociais e socioculturais podem também ser confirmadas pelo estudo de Baptista, Baptista e Oliveira (1999), que indica a maior tendência da mulher em desenvolver depressão, devido à internalização dos eventos estressantes, na desigualdade entre salários em relação aos homens, na vitimização pela sociedade (estupro, roubos, assédio, etc), na maior responsabilidade social (cuidar dos filhos, sustentar a casa e outras tarefas domésticas), na cobrança pela imagem corporal ideal e na educação baseada em ideais machistas.

Ainda, sobre os aspectos sociodemográficos, quanto aos resultados encontrados sobre estado civil, todos os profissionais considerados depressivos eram solteiros. Frente a esse resultado, observa-se que o suporte fornecido pelas relações familiares e pelo próprio matrimônio corrobora, de maneira inversa, ao desenvolvimento de doenças físicas, estresse e depressão. Resultados semelhantes foram encontrados por Vargas e Dias (2011), que demonstravam que indivíduos que não possuem esse suporte familiar/matrimonial estão mais propensos a aumentos nas taxas de estresse ocupacional.

Diante desse fato, pode-se retomar os estudos de Lage

(2011), que comprovam que os indivíduos com altos níveis de estresse possuem uma maior propensão ao desenvolvimento de síndromes depressivas, explicado pela maior liberação de hidrocortisona – “hormônio do estresse” na corrente sanguínea e, conseqüentemente, de substâncias inflamatórias e alterações neuronais, que acarretariam em sintomas depressivos.

Em suma, acredita-se que o casamento traz mais benefícios para a saúde mental se comparado com os indivíduos sem cônjuges, constituindo assim um fator protetor frente ao desenvolvimento dos quadros depressivos.

No que se refere às questões laborais e sua influência nos quadros depressivos, segundo Heloani e Capitão (2003), tanto a diversão quanto o trabalho em proporções satisfatórias são essenciais para o funcionamento psíquico saudável. Quando a primeira variável (diversão) deixa de existir, a homeostase da saúde mental é prejudicada, instalando-se um quadro de depressão. Sendo assim, pode-se afirmar que qualquer profissional necessita de horários reservados ao lazer, carga horária e turnos de trabalho adequados, principalmente, em se tratando dos enfermeiros, visto que lidam com uma rotina altamente estressante.

Assim, de acordo com estudos de Ruggiero (2003) e de Stacciarini e Troccoli (2001), a extensa jornada de trabalho e seu turno são determinantes para maior incidência de quadros depressivos nos profissionais enfermeiros, sendo que os trabalhadores do período noturno são os mais afetados pelos eventos estressantes e possuem maior desenvolvimento de depressão, possivelmente, por conta de prejuízos na qualidade do sono.

Ademais, tal afirmação pode ser justificada pela opinião de Vargas e Dias (2011), que apontam que a ocorrência de rodízio de turnos pode levar a alterações de sono, distúrbios gastrointestinais, cardiovasculares e desordens psíquicas, sobretudo a depressão. O trabalho noturno, além de ocasionar dificuldades para dormir e acordar causa irritação e agressividade, prejudicando a vida familiar e social.

Todavia, em relação aos profissionais enfermeiros do presente estudo, os resultados demonstraram maior prevalência de depressão nos que exercem suas funções no período vespertino. Essa divergência entre realidade e literatura pode ser justificada pela possível sobrecarga desses profissionais nesse horário, pois, nessa instituição, durante esse turno há intensa realização e preparo dos pacientes para diversos exames, elevado número de cirurgias, maior número de acadêmicos nas diversas alas hospitalares, além do horário de visitas, no qual os enfermeiros são amplamente requisitados para conversar com os familiares, sendo esses fatores possíveis justificativas para a divergência entre o relatado na literatura e os resultados obtidos em nosso trabalho.

Aliada a essa carga de trabalho extenuante, atribui-se também as poucas atividades de lazer ao desenvolvimento das desordens psíquicas, como aponta o estudo de Oliveira et al. (2006), que sustenta que um nível reduzido de atividades recreativas possa levar a depressão, assim como a depressão já

instalada faz com que o indivíduo se afaste dessas atividades, devido à retração do humor causada por essa comorbidade. Neste trabalho, constata-se que a maioria dos profissionais depressivos possuía nenhuma ou poucas atividades de lazer durante a semana.

Em suma, ao analisar a situação biopsicossocial dos profissionais da enfermagem se pode inferir que a situação do indivíduo, em seu meio, altera sua qualidade de vida, levando a possíveis transtornos depressivos e, apesar das dificuldades e burocracia, estudos que buscam melhorar a qualidade de vida desses trabalhadores devem ser cada vez mais estimulados, uma vez que essa parcela profissional é de extrema importância para a sociedade, sendo peça fundamental em um de pilares: a saúde pública brasileira.

#### 4 Conclusão

Foi evidenciada maior prevalência de depressão nos profissionais enfermeiros do sexo feminino, solteiros, que trabalhavam no turno vespertino e que possuíam um ou nenhum período de lazer durante a semana.

#### Referências

- BAPTISTA, M.N.; BAPTISTA, A.S.D.; OLIVEIRA, M.G. Depressão e gênero: por que as mulheres deprimem mais que os homens? *Temas Psicol.*, v.7, n.2, p.143-156, 1999.
- BECK, A.T. et al. *Cognitive therapy of depression*. New York: Guilford Press, 1979.
- BOOTH, R. The nursing shortage: a worldwide problem. *Rev. Latinoam. Enferm.*, v.10, n.3, p.392-400, 2002.
- CARDOSO, L.R.D. Psicoterapias comportamentais no tratamento da depressão. *Psicol. Argum.*, v.29, n.67, p.479-489, 2011.
- COLETA, G.P. A depressão em crianças e adolescentes e suas implicações na escola. Campinas: Unicamp, 2012.
- HELOANI, J.R.; CAPITAO, C.G. Saúde mental e psicologia do trabalho. *São Paulo Perspec.*, v.17, n.2, p.102-108, 2003.
- LAGE, J.T. Neurobiologia da depressão. Porto: Universidade do Porto, 2011.
- OLIVEIRA, K. L. et al. Relação entre ansiedade, depressão e desesperança entre grupos idosos. *Psicol. estud.* 2006; 11(2): 351-359.
- RUGGIERO, J. Correlates of fatigue in critical care nurses. *Res. Nurs. Health*, v.26, p.434-444, 2003.
- SALEHI, A.; JAVANBAKHT, M.; EZZATABABDI, M.R. Stress and its determinants in a sample of Iranian nurses. *Holist Nurs Pract.*, v.28, n.5, p.323-328, 2014. doi: 10.1097/HNP.0000000000000043
- STACCIARINI, J.M.R.; TROCCOLI, B.T. O estresse na atividade ocupacional do enfermeiro. *Rev. Latinoam. Enferm.*, v.9, n.2, p.17-25, 2001.
- VARGAS, D.; DIAS, A.P.V. Depression prevalence in Intensive Care Unit nursing workers: a study at hospitals in a northwestern city of São Paulo State. *Rev. Latinoam. Enferm.*, v.19, n.5, p.1114-1121, 2011.
- WEISSMAN, M.; OLFSON, M. Depression in women: implication for health care research. *Science*, v.269, p.799-801. 1995.